

A ECO-92 E A NECESSIDADE DE UM NOVO PROJETO

MAURÍCIO WALDMAN¹

INTRODUÇÃO

Nunca é demasiado recordar que Eco-92 é um termo vago. Tem sido aplicado, indistintamente, a dois eventos simultâneos, mas diferentes quanto aos seus propósitos e respectivos perfis políticos. A denominação Eco-92 serve para denominar:

A) *A Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento* (UNCED ou ainda Rio-92).

B) *A Conferência da Sociedade Civil Global sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento* (Fórum Global).

A Rio-92 é também denominada de *Conferência Oficial*, pois reunirá representantes de todos os governos. Espera-se pela vinda de grande número de chefes de Estado, acompanhados das respectivas assessorias. Na Rio-92, vários projetos serão discutidos, cujas diretrizes, estarão sob influência da contradição Norte/Sul, que neste final de século, ocupa papel central no jogo geopolítico internacional.

O Fórum Global, em contrapartida, é identificado como *Conferência Paralela*. Reunirá representantes de Organizações Não-Governamentais (ONGs), ligados a diferentes movimentos sociais. No Fórum Global, as expectativas variam do acompanhamento da Conferência Oficial à formulação de um projeto alternativo, voltado para a sociedade civil do planeta. O Terceiro Mundo constitui, tanto por suas temáticas e quanto pela própria representação no Fórum Global, uma área de indiscutível interesse estratégico para a Conferência Paralela.

No entanto, isto não permitiria caracterizar o Fórum Global como uma “conferência terceiro-mundista”, pois o evento estará voltado para pensar e avaliar a questão ambiental na ótica das sociedades civis, tanto do norte quanto do sul. Por outro lado, o Fórum Global certamente traduzirá o questionamento existente quanto ao atual modelo de desenvolvimento, que é socialmente injusto e ecologicamente irresponsável.

Outro ponto a ser destacado nas duas conferências, é que ambas estarão voltadas, a partir de 12 de junho na cidade do Rio de Janeiro, para a análise e avaliação do binômio *Ecologia e Desenvolvimento*. Ao contrário do que é imaginado por muitos, a Eco-92, não será um evento puramente ecológico. A questão do desenvolvimento, apesar de pouco lembrada pela mídia, constitui elemento central na pauta dos debates, tanto da Rio-92 quanto do Fórum Global.

Embora a marca dos eventos incorpore nítida expressão ambiental e/ou planetária, questões relativas a fluxos de capitais, transferência de *know-how*, dívida externa, demografia e muitos outros temas, constituem eixos centrais no debate ambiental. Aliás, a realização da Rio-92, apenas conseguiu adesão dos governos do sul em razão do compromisso dos países do Primeiro Mundo em discutirem, associadas à questão ambiental, as questões relativas ao desenvolvimento.

AS VÁRIAS ECOLOGIAS

¹ Sociólogo, membro da Coordenação Nacional dos Ecologistas do Partido dos Trabalhadores e ativista da *Campanha Viva a Billings Viva*, em defesa da Represa Billings e dos mananciais da região do ABC na Grande São Paulo.

A realização das duas conferências, obrigatoriamente resgata visões existentes no interior do movimento ecológico. Contrariando determinado senso-comum, inexistente visão monolítica sobre o meio ambiente. A questão ambiental articula-se com uma série de concepções culturais, determinações históricas e sociais, reproduzindo tendências existentes na sociedade como um todo. *Isto porque o ecologismo, não é um projeto voltado abstratamente para a defesa da natureza.*

Vale lembrar, o que definimos como Natureza resulta de aspirações e de relações sociais que se alteram historicamente. Deste modo, podemos entender que o meio natural foi continuamente inventado e reinventado pelas diferentes formações sociais que se estruturaram ao longo da história. Como lembra Marcos de CARVALHO, *é mais correto falar da existência de naturezas, e não de uma natureza genérica e abstrata* (1991).

Cada sociedade, a seu tempo, estabeleceu diferentes controles nos ciclos de matéria e energia presentes no meio ambiente. A crise ambiental que presenciamos expressa, na realidade, uma crise inerente ao modo como o meio ambiente foi (e é) incorporado pela formação social capitalista. Necessariamente, o que está em discussão é uma forma específica de apropriação da natureza. Ela é privada e voltada para o lucro, não se confundindo com outras formas de apropriação.

Neste sentido, é possível ressaltar várias interpretações sobre os problemas ambientais. Se for verdade que o buraco da camada de ozônio, o desmatamento das florestas tropicais, a desertificação, a morte dos oceanos e mares, a extinção acelerada das espécies da flora e fauna, o efeito estufa e a chuva ácida, afetam os equilíbrios dinâmicos da biosfera como um todo (ou seja, não respeitam fronteiras político-sociais), por outro lado, as respostas a estes problemas reportam diretamente às contradições que estão no cerne da formação social capitalista.

Dependendo dos agentes sociais e dos sujeitos políticos envolvidos com a questão ambiental, teremos respostas baseadas em pressupostos absolutamente diferentes. Como assinala Ricardo Antônio da Paixão, “o esforço ambiental confunde-se com o esforço de se reconhecer a lógica de transformação da natureza pela sociedade. Lógica esta, que deve ser buscada na especificidade das formas de apropriação da mesma”. Mais ainda, estando os mecanismos de apropriação amparados por concepções ideológicas, “não resta outro recurso senão discutir ideologicamente tudo que se refere à questão do meio ambiente” (PAIXÃO, 1982: 217).

Por esta razão, *podemos falar em ecologias e não em uma ecologia*. Cada uma destas ecologias aponta para estratégias ambientais distintas, originárias do acúmulo existente no interior do movimento ecológico. Na discussão relativa a Eco-92, três posturas merecem menção obrigatória: o *Preservacionismo clássico*, o *Eco-capitalismo* e o *Eco-socialismo*.

POSIÇÕES CONFLITANTES

O preservacionismo corresponde a um primeiro momento do ecologismo. Esta corrente surgiu no século XIX nos países do Hemisfério Norte, particularmente nos Estados Unidos. Enquanto tal, o preservacionismo é considerado uma resposta à preocupação em salvar os remanescentes da chamada Natureza original.

Um forte movimento de opinião pública, preocupado em inventariar elementos representativos do patrimônio natural americano, fez surgir, já em 1872, o primeiro parque natural da história: o Parque Nacional de Yellowstone. Ainda antes de 1899, seriam criados outros parques, como Yosemite, General Grant, Sequoia Park e Mount Rainier.

Nos EUA, o preservacionismo tornou-se matriz teórica de grupos ambientalistas como Sierra Club (1892), National Audubon Society (1905), Izaak Walton League (1922), Wilderness Society (1935) e do National Wildlife Federation (1936). A preservação da vida selvagem foi e ainda é, uma das pedras angulares do ecologismo, especialmente no Primeiro Mundo.

A posição preservacionista influenciou fortemente o ativismo ecológico. Também denominada de *biocêntrica*, esta posição imperou quase sem resistência durante várias décadas. Perdeu terreno para formulações mais complexas,

surgidas na segunda metade do século XX. Estas passaram a incorporar motivações sociais, políticas e econômicas, até então ausentes nas lutas pela defesa do meio ambiente.

Particularmente, a partir da década de 70, os movimentos ambientais passaram por profundo processo de diferenciação interna, conquistando uma cor ideológica que o preservacionismo, pretendendo-se apolítico, a todo custo evitava assumir.

O preservacionismo, postulando implantação de parques naturais e unidades de conservação como paradigma maior de políticas institucionais visando a preservação da biodiversidade, excluiu a preocupação com dinâmicas sociais mais amplas. Este *proto-ecologismo*, como recordou Pascal ACOT (1990), procurava encerrar em áreas geralmente remotas, alguns pobres remanescentes do paraíso perdido.

Já o eco-capitalismo e o eco-socialismo, transbordam os marcos conceituais clássicos do preservacionismo. As duas correntes questionam que a defesa do meio ambiente possa, pura e simplesmente, confundir-se com sua preservação. Entendem que a questão ambiental, dada sua complexidade, necessariamente reporta a conteúdos mais profundos, *referentes a projetos de sociedade*.

Entretanto, ao lado desta crítica comum ao preservacionismo (especialmente em razão de seu biologismo), o eco-capitalismo e o eco-socialismo divergem profundamente quanto ao projeto de sociedade. Em linhas gerais, o eco-capitalismo entende que os equilíbrios sociais e ambientais são compatíveis com a apropriação privada da natureza. Suas propostas apontam para políticas que não questionam o tipo de relação tradicionalmente mantida pelo capital com os trabalhadores e o meio ambiente. *Seria o caso de combater os efeitos da degradação ambiental, mas não suas causas*.



Participação mexicana na *Marcha dos Excluídos*, o principal evento de massas promovido pela Conferência da Sociedade Civil no Encontro Paralelo da Rio-92 (Foto: Denise Saltiel Stobbe).

Esta corrente, também conhecida como *capitalismo verde*, tem observado grande expansão, em especial nos últimos anos, quando amplos setores do empresariado terminaram “convertidos” à causa ambiental, motivados tanto pelo chamado *mercado verde* (filtros antipoluição, marketing ecológico, máquinas e equipamentos ambientalmente menos impactantes), quanto pela preocupação em garantir uma fronteira biológica para a reprodução e perpetuação do capitalismo.

No interior do campo eco-capitalista, a variável social-democrática é atualmente hegemônica. Dispõe de forte inserção parlamentar e está claramente presente nas instâncias governamentais de meio ambiente. Sua hegemonia poderá, possivelmente, ser questionada com o avanço do extremismo de direita, abrindo espaço para que o eco-brutalismo, também conhecido como eco-fascismo - no presente momento uma corrente minoritária do ecologismo - também se fortaleça.

Já o eco-socialismo parte de outros pressupostos. É característico do discurso eco-socialista destacar que a questão ambiental apenas será efetivamente solucionada caso existam paralelamente avanços democráticos e da justiça social. Para esta corrente do ecologismo, não há qualquer compatibilidade possível entre o capital e o meio ambiente. As lutas ecológicas são observadas como parte indissociável de transformações sociais profundas, questionando a apropriação privada da natureza e a organização social dela resultante.

Porém Isto não significa - como, aliás, nunca significou - apoio ao socialismo nominal. Pelo contrário, os eco-socialistas distinguem-se desde 20 ou 30 anos atrás, como críticos severos da dominação burocrática no Leste Europeu. A influência de Marx, visível em suas formulações, embebe-se das variáveis heterodoxas, e não das ortodoxas do marxismo. Assim, os eco-socialistas resgatam a radicalidade do pensamento marxista, mas não os seus dogmas.

Com base neste pressuposto, o discurso eco-socialista utiliza vários elementos do universo conceitual marxista, explícito em terminologias como contradições sociais, divisão internacional do trabalho, relação centro-periferia, etc. Por outro lado, fato notório, Marx e Engels, homens do século XIX, não dispunham da capacidade de ultrapassarem inteiramente as barreiras do seu tempo. Assim, nos nossos dias, valores economicistas, etnocêntricos, desenvolvimentistas e produtivistas presentes nas suas formulações originais dos dois filósofos, são repudiados pelos eco-socialistas.

Por isso mesmo, os eco-socialistas entendem estar abrindo a perspectiva de um novo projeto progressista, que será, a seu tempo, também dialeticamente superado por outros projetos.

DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL?

As três correntes rapidamente descritas nesse texto estão presentes nas discussões relativas ao ECO-92. É em função de um imaginário preservacionista, por exemplo, que propostas como da Conversão da Dívida Externa por Investimentos Ambientais (*Debt Swap Conversion*) têm sido sugeridas com crescente força, apoiadas por grandes entidades internacionais de defesa do meio ambiente².

O Desenvolvimento Sustentável, grande vedete conceitual da Eco-92, reporta à postulados eco-capitalistas, asseguram Aurélio VIANNA (1991) e Selene Herculano dos SANTOS (1991 e 1992). Por sua vez, as posições críticas fundamentam-se na questão da transformação social e da releitura das bases filosóficas da civilização ocidental. Apontam, conscientemente ou não, para o eco-socialismo. Com este polariza o eco-capitalismo.

Note-se que o preservacionismo clássico, crescentemente solapado pelo eco-capitalismo e pelo eco-socialismo, tem perdido quadros teóricos e ativistas para as duas outras correntes. A Eco-92, disposta a discutir o binômio Ecologia e Desenvolvimento, não poderá, portanto, furtar-se da discussão de um projeto de sociedade.

Esta é a razão do grande destaque dado às teses do Desenvolvimento Sustentável, defendida no Relatório Brundtland, assim denominado como referência à norueguesa Gro Harlem Brundtland, presidente da Comissão

² Embora os ambientalistas norte-americanos tenham, nos últimos anos, avançado para questões sociais, a temática de cunho naturalizante é o grande senso comum. Não admira, pois, que a tese da conversão, implicando na defesa das florestas tropicais, tenha encontrado grande receptividade nos EUA (WALDMAN, 1991:60).

Mundial de Meio Ambiente e Desenvolvimento (CMMAD). O relatório frisa, ao lado do Desenvolvimento Sustentável, a necessidade de uma NOEI, isto é, uma Nova Ordem Econômica Internacional³. Coerentemente, o relatório também é conhecido como Nosso Futuro Comum (*Our Common Future*).

Estas três expressões, Desenvolvimento Sustentável, Nova Ordem Econômica Internacional e Nosso Futuro Comum, formam um tripé com articulação e conjugação interna de propostas, cujo eixo central é a preocupação em garantir, em novas roupagens, *uma continuidade sustentada do sistema*.

O discurso da Conferência Oficial (Rio-92) está, no tocante ao texto Nosso Futuro Comum (CMMAD, 1988), absolutamente firmado nestes primados. O Desenvolvimento Sustentável é a interface “ecológica” da reformulação econômica e tecnológica em curso no mundo capitalista, tendo por pano-de-fundo uma violenta crise sócio-ambiental (e não apenas ambiental, conforme apregoam algumas correntes).



Painel montado no Encontro Paralelo da Eco-92 pelo Fórum de Ongs da Coréia do Sul, denunciando a destruição do meio ambiente (Foto: Maurício Waldman).

A vinculação destas teses com o neoliberalismo é implicitamente reconhecida por forças políticas que se posicionam na defesa deste modelo, como no caso do governo Collor. Estas propostas, no entanto, não podem ser exclusivamente identificadas com a equipe das Nações Unidas que produziu o relatório Nosso Futuro Comum.

³ A expressão Nova Ordem Econômica Internacional (NOEI), é originária da década de 60, como resultado de diversos encontros promovidos pelos países do Terceiro Mundo. A NOEI expressava descontentamento quanto às estratégias tradicionais de desenvolvimento, sublinhando a necessidade de reestruturar profundamente o sistema econômico internacional estabelecido após a Segunda Guerra Mundial. Sua utilização pela CMMAD traduz, numa perspectiva crítica, uma estratégia de inversão simbólica de seu significado. Recordava Julius Nyerere, presidente da Tanzânia, a construção de uma NOEI implicava na postura de contestação a um sistema que “faz mais ricos os ricos e mais pobres os pobres”. No Relatório Brundtland, NOEI implica não só em pasteurizar a questão da desigualdade, mas igualmente, em sua legitimação via signo ecológico.

Pelo contrário, a equipe técnica da CMMAD assumiu como ponto de partida uma visão instrumental da questão ambiental cuja origem, está na elaboração teórica dos ecologistas eco-capitalistas.

Recorde-se neste sentido, que o eco-capitalismo, além de contar com substancial reforço do aparato de estado e de seu ecologismo institucional, possui base de apoio em nível do movimento social, em especial nos seus segmentos afluentes e em várias ONGs de grande porte.

Seria ingenuidade pressupor que estas teses fossem apanágio exclusivo da CMMAD, de interesses administrativos ou das estratégias de longo prazo das transnacionais. Originário do movimento ecológico, o eco-capitalismo é um projeto planetário de sociedade e como tal, passível de incorporação simultânea por diversos setores e grupos de interesses, todos ligados ao *status quo* em escala mundial.

É justamente neste “pormenor” que se articula o essencial das críticas ao Desenvolvimento Sustentável. Tese divulgada em momento de questionamento de diversas utopias de mudança social, do desmantelamento de uma consciência planetária (VIANNA, 1991), ainda assim não ganhou o esperado consenso.

No Desenvolvimento Sustentável, pobreza e degradação ambiental são percebidas formando um círculo vicioso, no qual cada termo é causa e efeito do outro, e não, como ressalva Selene Herculano dos SANTOS “como características e resultado histórico de um modo de produção altamente concentrador, econômica e espacialmente” (1992:13).

Tendo por premissas a economia de mercado, medidas sociais paliativas e a crença no avanço tecnológico como fator de industrialização limpa e ecologicamente aceitável (Vide SANTOS, 1992:13), o Desenvolvimento Sustentável é um conjunto de medidas em prol do capitalismo verde (idem, 1992:15) e por esta razão, tem sido repudiado pelos setores progressistas do Primeiro e do Terceiro Mundo.

Estes setores, não aceitam teses que, na melhor das hipóteses, garantirão algum tipo de amenização da miséria absoluta e alguma espécie de proteção ambiental, excluindo o questionamento das relações de poder entre as classes e os povos (FATHEUER et WALDMAN, 1991).

Para além dos problemas políticos, as teses de Gro Brundtland não escapam de problemas teóricos. Sustentabilidade ou não de um modo de produção, não constitui característica que possa aleatoriamente ser enxertada em uma formação social. As formações sociais possuem uma sustentabilidade ecológica que lhes é inerente. Por conseguinte, as crises sócio-ambientais constituem momentos nos quais esta relação está total ou parcialmente comprometida, juntamente com as demais variáveis que, articuladamente, sustentam um modo de produção.

Conforme já foi colocado em um outro momento: "Todas as crises do passado foram, cada uma a seu modo, ambientais, cristalizadas pela dificuldade crescente de manter os fluxos de energia, de sustentar o que era exigido do meio ambiente e dos processos à disposição destes sistemas, de adequar a tecnologia existente de forma a superar os problemas que estavam colocados em suas relações específicas com a natureza. A não resolução destas questões, deu cabo de todas as civilizações que hoje são lembradas nos livros de história" (WALDMAN, 1990:39).

Junto a vários movimentos populares, é forte a impressão de que não será com um conjunto de posturas bem intencionadas (aliás, criticadas pelos setores duros das elites ou esplendidamente ignoradas por vários interesses econômicos e países industrializados, justamente os que dão as cartas nos processos globais), que será impedido o desastre ambiental planetário. Este poderá ser adiado por algum tempo, mas não será, em absoluto, resolvido nos marcos da sociedade existente.

O Desenvolvimento Sustentável, a NOEI e o canto de sereia do Nosso Futuro Comum tem sido entendidos por diversos segmentos da mídia, como um chamamento para “salvar o planeta”. Na ECO-92, estas teses estarão em debate. Debaixo de uma roupagem ecológica, é o antigo projeto internacional das elites que está realicerçando-se e resustentando-se com base em velhas e muito conhecidas relações de exploração do homem e da natureza. Caberá, em especial ao Fórum Global, cujo mandato reporta à sociedade civil, questionar e contribuir para a formulação de um projeto alternativo.

ALGUMAS CONCLUSÕES

Muito além de mero “festival ecológico”, a ECO-92 expressa um momento delicado, marcado por uma crise sócio-ambiental sem precedentes. Como já foi assinalado, tal discussão transborda os limites originais assinalados pelo preservacionismo. *Discute-se, na realidade, um projeto de sociedade.*

Em face destes pontos, é possível elencar algumas conclusões, entre elas:

1. As teses do Desenvolvimento Sustentável não recebem críticas exclusivamente do campo progressista. Existe também uma visão crítica cujos atores são membros das elites que se tem se beneficiado do capitalismo selvagem. Seriam seus expoentes no Brasil: o governador Gilberto Mestrinho, o paladino da moto-serra; Ronaldo Caiado, da União Democrática Ruralista (UDR), cuja proposta para a Amazônia é transformá-la em um gigantesco pasto (sic); Fernando P. Cardoso, da Manah Fertilizantes, para o qual, *o desenvolvimento sustentável é uma besteira.*

No caso das grandes potências (caso do G-7, o *Clube dos Ricos*, reunindo os EUA, Alemanha, Canadá, Itália, França, Japão e Reino Unido), com exceção da Alemanha e do Canadá, existe pouca disposição de negociar qualquer pauta que implique na revisão das posições que garantem vantagens econômicas para estes países. Quanto aos demais países do Norte, é perceptível maior abertura para a discussão ambiental pelas nações da Escandinávia (Suécia, Noruega e Dinamarca) e pelo bloco composto pelo Canadá, Austrália e Nova Zelândia.

No caso dos países do Sul, agrupados no G-77 (na realidade, um grupo formado por mais de 120 países periféricos), existe predileção pela parte desenvolvimentista do temário. A China, entre outros países, tem resistido a qualquer proposta que ponha em cheque seus planos de desenvolvimento industrial.

Na realidade, o Desenvolvimento Sustentável tem escassas possibilidades de tornar-se efetivo. Como já foi dito, dificilmente será incorporada uma sustentabilidade que é estranha à lógica de reprodução do capitalismo.

2. A não aceitação concreta das teses do Desenvolvimento Sustentável implica em redobrado esforço por parte dos setores progressistas para impedir um desastre sócio-ambiental inevitável. O Fórum Global é uma oportunidade ímpar de estabelecer um projeto na perspectiva de milhões de excluídos, para os quais uma sustentabilidade da apropriação privada da natureza já é quimérica há muito tempo.

Reunindo movimentos sociais de todo o planeta, a proposta de reunir uma Conferência Paralela resultou de um grande esforço por parte dos setores progressistas do movimento ecológico. Foram estes os setores que desde o primeiro momento, defenderam a inclusão de centrais sindicais, representações de populações tradicionais, grupos feministas, minorias raciais, etc.

É neste vasto conjunto de atores sociais das mais diferentes nuances, é que podemos localizar o embrião de um novo projeto, visando uma sociedade justa e ecologicamente responsável.

3. *É inevitável registrar que ecologia não é um tema a mais, mas sim um tema que perpassa por todos os demais temas.* Antes apanágio de grupos preocupados unicamente com a vida selvagem, o ecologismo manifesta-se hoje enquanto uma visão de mundo, pressupondo concepções e premissas que estão em contradição com valores e práticas historicamente herdadas.

Envolvendo complexa teia de preocupações e propostas, não existe nenhuma aspiração ou demanda social que não seja passível de “tradução” ecológica. Por conseguinte, pensar o ecologismo exclusivamente como um movimento social é um erro a ser evitado. Igualá-lo a movimentos populares por creche, transporte e moradia, é um equívoco grave.

Embora seja possível pautar propostas ecológicas para transporte coletivo, habitação e saúde, é impossível, por outro lado, pautar propostas “transportadísticas”, “crehísticas” ou “moradísticas” para demandas de outros movimentos populares e menos ainda para modelos de agricultura, de estado, de democracia, etc.

Neste sentido, o Fórum Global pode avançar rumo ao aprofundamento desta visão de mundo, utopia que escapou do vendaval esterilizante composto pela explosiva conjugação da ofensiva neoliberal com o desmoronamento do Leste Europeu.

4. Não será surpreendente se, caso as discussões do Fórum Global progridam a contento, que exista uma retomada (acompanhada de maior capilaridade social) da questão dos Partidos Verdes ou Ecológicos. Poucos percebem, mas o fato é que mesmo os chamados movimentos sociais considerados clássicos, como o operário sindical, “podem ser vistos como um fenômeno recente e temporário” (André Gunder FRANK e Marta FUENTES, 1989:22).

Primeiramente um movimento social entre muitos outros, o movimento operário transformou-se no berço de diversas concepções filosóficas, dentre elas o marxismo. Conseguiu, acompanhando conjunturas históricas bastante conhecidas, transformar-se inclusive em poder de Estado.

O ecologismo é, com toda probabilidade, o movimento social que aponta para uma formulação global e específica de mundo. O fracasso do Leste Europeu, a terceirização da economia mundial, sem contar transformações derivadas da entrada em cena da robótica, informática, novos materiais e da microeletrônica, jogam para um patamar qualitativamente diferente a discussão da transformação social e do papel dos movimentos populares.

Sem implicar em prejuízo para a herança do movimento operário internacional e do acúmulo das lutas democráticas, o surgimento de partidos ecológicos progressistas poderá caracterizar este final de século.

5. No Brasil, estão colocadas pré-condições para a irrupção de novas forças políticas, centradas em paradigmas ecológicos e/ou ecologizantes. Não é possível pensar a questão do surgimento de uma *política verde*, apelando apenas para influências do exterior (difusão exógena). Além disso, é incorreto imaginar que as dificuldades de implantação do Partido Verde (PV) no Brasil constituam epítáfio de uma política verde, mesmo porque esta questão não é um privilégio deste partido.

Assinala Eduardo VIOLA (1988), conhecido pesquisador do movimento ecológico brasileiro, número significativo de eco-socialistas são, por exemplo, militantes ou simpatizantes do PT, trabalhando por sua transformação rumo a um partido eco-socialista. Neste sentido, o fato do Brasil abrigar a Rio-92 e o Fórum Global pode contribuir com fatos novos na política nacional, particularmente no direcionamento do campo político-partidário.

6. Finalmente, é possível compreender que, ao lado das dificuldades colocadas ao florescimento do pensamento e da ação crítica, a história não deixará de ser um incessante movimento de conteúdos sociais. A tentativa de transformar a questão ambiental em espetáculo pirotécnico ou reduzi-la a um conjunto de eco-técnicas, não passará do patamar das iniciativas fugazes.

Isto porque fundamentalmente, ecologia é o reino das questões concretas, de questões que não serão solucionadas sem o resgate da utopia, sem a preocupação em repensar filosoficamente o homem, ser que, como assinalava o geógrafo Eliseé Reclus, é a natureza tornada consciência.

BIBLIOGRAFIA

ACOT, Pascal, 1990, *História da Ecologia*, Editora Campus, Rio de Janeiro, RJ;

BROWN, Lester R, 1983, *Por uma Sociedade Viável*, Editora da Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, RJ;

CARVALHO, Marcos de, 1991, *O Que é Natureza?*, Editora Brasiliense, Coleção Primeiros Passos nº 243, São Paulo, SP;

- CMMAD/ONU – Comissão Mundial de Meio Ambiente e Desenvolvimento da Organização das Nações Unidas, 1988, *Nosso Futuro Comum*, Editora da Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, RJ;
- FATHEUER, Thomas et WALDMAN, Maurício, 1991, *Ecologia: Um Novo e Antigo Projeto Global*, Artigo publicado na seção Painel, do Caderno ABCD do Jornal Folha de São Paulo, edição de 27/12/1991, São Paulo.
- FRANK, André Gunder et FUENTES, Marta, 1989, *Dez Teses Acerca dos Movimentos Sociais*, in *Revista Lua Nova*, pp. 19/48, CEDEC, São Paulo, SP.
- LEIS, Hector Ricardo et alli, 1991, *Ecologia e Política Mundial*, Hector Ricardo Leis (org.), Co-edição AIRI/PUC-RIO e FASE, Rio de Janeiro, RJ;
- MARTINS, José Pedro Soares, 1991, *Terra Nave Mãe - Por Um Socialismo Ecológico*, Traço a Traço Editorial e CEPE, São Paulo. SP;
- PAIXÃO, Ricardo Antônio da 1982, *Geografia e Meio Ambiente*, in *Geografia: Teoria e Crítica*, Ruy Moreira (org.), Editora Vozes, Petrópolis, RJ, 1982.
- SANTOS, Selene Herculano dos, 1991, *Reflexões Críticas Sobre O Relatório Brundtland: As Questões do Desenvolvimento Sustentável e da Nova Ordem Econômica Internacional*, texto mimeo, GRUDE, Rio de Janeiro, RJ;
- SANTOS, Selene Herculano dos, 1992, *Como passar do Insuportável ao Sofrível*, in *Revista Tempo e Presença*, CEDI, edição especial de Meio Ambiente, nº 261, janeiro/fevereiro de 1992, pp. 12/ 13, São Paulo e Rio de Janeiro;
- VIANNA, Aurélio, 1991, *Desenvolvimento e Desigualdade Insustentáveis*, in *Suplemento Debate do Jornal Contexto Pastoral* nº 3, agosto/setembro, São Paulo e Rio de Janeiro;
- VIOLA, Eduardo J., 1988, *The Ecologist Movement In Brazil (1974/1986): From Environmentalism To Ecopolitics*, in *International Journal of Urban and Regional Research*, Vol.12 number 2, junho, texto mimeo CEDI, São Paulo, SP;
- WALDMAN, Maurício, 1990, *Ecologia e Movimentos Sociais: Breve Fundamentação* in *Hidrelétricas, Ecologia e Progresso*, CEDI, SP/RJ;
- WALDMAN, Maurício, 1991, *Oito Críticas Ecológicas à Conversão da Dívida*, in *Conversão da Dívida e Meio Ambiente*, CEDI/GLOBAL, São Paulo, SP.

A CITAÇÃO E/OU A REPRODUÇÃO DESTE TEXTO DEVE ACATAR A REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA QUE SEGUE:

WALDMAN, Maurício. *A Eco-92 e a Necessidade de um Novo Projeto*. In: Vanda Claudino Sales (Org.), *Ecos da Rio-92: Geografia, Meio Ambiente e Desenvolvimento em Questão*. 1ª edição, Fortaleza (CE): Associação dos Geógrafos Brasileiros - Seção Fortaleza, pp. 20-32. 1992.

PUBLICAÇÕES DO MESMO AUTOR RELACIONADAS COM O TEMA

LIXO: CENÁRIOS E DESAFIOS, CORTEZ EDITORA, 2010

Saiba mais: <http://www.lojacortezeditora.com.br/lixo.html>

MEMÓRIA D'ÁFRICA - TEMÁTICA AFRICANA EM SALA DE AULA, CORTEZ EDITORA, 2007

Saiba mais: <http://www.lojacortezeditora.com.br/memoria-africa.html>

MEIO AMBIENTE & ANTROPOLOGIA, EDITORA SENAC, 2006

Saiba mais: http://books.google.com.br/books/p/senac?id=z4ns-luC4LwC&dq=Meio+ambiente+%26+antropologia&hl=pt-br&source=gbs_summary_s&cad=0

MAURÍCIO WALDMAN - INFORMAÇÕES PORMENORIZADAS

Home-Page Pessoal: www.mw.pro.br

Biografia Wikipedia English: http://en.wikipedia.org/wiki/Mauricio_Waldman

Currículo no CNPq - Plataforma Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3749636915642474>